

FATOS E NOTAS

MASSADA.

Considerações arqueológicas e históricas.

MARIZA BALSAMO STEINBERG

Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE MASSADA.

a). — *Introdução.*

A sudoeste de Jerusalém estende-se o deserto de Judá, um planalto que termina abruptamente 25 km depois. Desce 400 metros abaixo do nível do mar às margens do Mar Morto (mar salgado dos israelitas). Com seus 80 km de comprimento e uma largura média de 150 km. Situada numa depressão que se estende da Turquia (ao norte) até a África (ao sul). Zona desértica acentuada, ainda mais, devido ao bloqueio das nuvens, carregadas de umidade, pelas montanhas da Judéia (800 a 1000 metros de altura). A evaporação local é intensa, daí a grande quantidade de sal na água, que aumenta devido à existência de fontes minerais quentes pelas proximidades. A porcentagem de sal n'água é 8 vezes maior que no Atlântico, não existindo em suas águas forma alguma de vida (daí o nome de Mar Morto). Uma faixa de terra avança para o mar, a chamada "língua" através da qual poder-se-ia vadear o mar em direção à Jordânia atual.

b). — *O forte de Massada.*

Nesse penhasco (que se ergue em frente ao Mar Morto) denominado Massada, há 1897 anos atrás os zelotas lutaram pela liberdade de Israel contra os romanos.

A queda de Massada em 73 d.C. simboliza o fim de uma liberdade que se renovou só em nossa geração (Israel independente em 1948).

Apresenta Massada a forma de um losango de 600 metros de comprimento por 200 de largura. Origina-se do hebraico *metśudá* que seria fortaleza.

c). — *Caminho de Massada.*

Pode-se atingir Massada por: leste, em direção ao Mar Morto (*snake path*) — Caminho da Serpente; oeste, mais acessível. O alto esporão que liga a fortaleza com os arredores tem somente 74,25 metros (225 pés) enquanto que o de leste apresenta 231 metros (900 pés).

Dêste esporão duas estradas ramificam-se: — uma para norte, ao longo do aqueduto; outra para o sul, para o centro da montanha.

d). — *Importância estratégica do local.*

Encontra-se Massada num cruzamento de caminhos que vai de Sodoma a Ein-Gedi e daí para Hevron. Ponto estratégico completamente isolado de outras montanhas e de difícil acesso.

Situando-se no extremo sudeste da fronteira com a Judéia nas vizinhanças do poderoso império dos nabateus (senhores do Neguev). Ponto de observação de onde poder-se-ia controlar a passagem dos camelos que atravessam o Mar Morto através de sua "língua".

Próxima dos centros mais importantes da época (Jerusalém, por exemplo) e, por outro lado, a forma topográfica da região facilitava o asilo de revoltosos.

*

FONTES ESCRITAS E ARQUEOLÓGICAS.

a). — *FONTES ESCRITAS.*

A existência de Massada era conhecida pelos escritos de Josephus Flavius, mas sua localização foi esquecida.

Fontes escritas que podemos contar incluem portanto: a obra de Josephus Flavius, e escritos posteriores de viajantes e exploradores, já no século XIX quando Massada foi re-descoberta.

I. — *A obra de Josephus.*

Filho de família sacerdotal, nasceu em Jerusalém c. 38 d.C. Pertenceu aos partidos dos fariseus, saduceus e essênios sucessivamente. Com a guerra na Judéia aderiu ao partido revolucionário e foi nomeado comandante da Galiléia. Retirou-se para a mais forte de suas fortalezas, a de Iotapata, quando da chegada de Vespasiano. Caindo prisioneiro, sendo levado à presença de Vespasiano, predisse-lhe a elevação ao trono romano. Foi posto em liberdade e passou a usar,

juntamente com o seu nome, o nome Flavius (da família de Vespasiano), quando a profecia cumpriu-se. Tomou parte do cerco e queda de Jerusalém, junto a Tito. Depois foi levado a Roma, desfrutando de bom tratamento por parte de Vespasiano, Tito e Domiciano. O aro de sua morte é incerto.

De tôda a sua obra, interessa-nos, de perto, a *Guerra Judaica* em 7 livros, conhecida também (de acôrdo com a maioria dos manuscritos), como *De Captivitate* (1).

A primeira edição da obra foi em aramaico e depois foi traduzida para o grego. Não se limita a descrever a história da guerra de 66 a 70 d.C., mas oferece um resumo da história judaica desde os tempos de Antioco IV Epifanés, até a derrota de Céstio Galo em 66.

II. — *Obras diversas.*

Sendo redescoberta no século XIX, muitos exploradores e viajantes visitam e descrevem o local. O alemão Ulrich Jasper Seetzen (1805-1807) foi o primeiro a explorar a Transjordânia cientificamente. Viu Massada do Mar Morto e identificou-a, por engano, como Zif.

Em 1838, o teólogo americano Edward Robinson passa três meses na Palestina, cruzando e recruzando-na em várias direções com seu pupilo e amigo, Eli Smith. Viu Massada de Ein-Gedi e identificou-a corretamente. Em 1865 estabeleceu-se a *Palestine Exploration Fund*. Dois anos depois Charles Warren, é enviado à Palestina, sendo o primeiro a subir Massada pelo leste.

C. R. Conder e H. H. Kitchener, são enviados pela *Palestine Exploration Fund*. Conder apresenta uma excelente descrição e mapa sôbre Massada em 1875.

Ainda outros visitantes fizeram seu relato sôbre o local às organizações (alemães, ingleses, franceses, americanos) a que estavam vinculados. Depoimentos sem grande profundidade.

(1). — Outras obras de Flavius Josephus: *Antiquitates Judaicae*, em 20 livros, é a segunda obra. Trata da história bíblica e chega até 66 d.C. Nesta obra o autor é um apologistas de seu povo, rompe os laços que o prendiam à propaganda romana. A obra foi completada no 13º ano do reinado de Domiciano, quando o autor contava 56 anos de idade (93-94 d.C.); *Vita* — um livro, é a terceira obra de Josephus. É uma autobiografia, uma justificativa de seu procedimento como comandante da Galiléia. Da *Antigüidade dos judeus*, conhecida e citada sob o nome de *Contra-Apiónem*, em dois livros, é sua última obra. Escrita entre 93-96 d.C., é conservada apenas em parte (em latim). Faz uma apologia do judaísmo, demonstra as antigüidades do povo judaico e refuta o anti-semitismo.

b). — FONTES ARQUEOLÓGICAS.

Perspectiva exata de Massada pode-se ter por uma introdução concreta de escavações como as praticadas atualmente — pesquisa e estudo dos monumentos deixados pela mão do homem.

Depois da descoberta do palácio do norte e da Passagem da Serpente por Shmarya Gutman, organizou-se uma expedição arqueológica que escavou o palácio do norte e fez um mapa do local durante os anos de 1955-1956. Esse grupo era liderado por M. Avi-Yonah, Y. Aharoni, N. Avigad, I. Dunayevsky e S. Gutman.

De 1963 a 1965, escavações são feitas sob a supervisão da Universidade Hebraica de Jerusalém, *Israel Exploration Society* e do Departamento de Antiguidades do Ministério de Educação e Cultura, tendo como supervisor geral Y. Yadin. A reconstrução e preservação do material encontrado estava a cargo do *Department for Landscaping and the Preservation of Historic Sites* e *National Parks Authority*.

À medida que as escavações foram sendo feitas, surgiram algumas publicações. Revistas, resenhas de um certo período, mas nenhuma obra completa foi escrita a respeito (uma está em preparo sob a liderança do prof. Ygal Yadin).

I. — *Publicações a respeito:*

M. Avi-Yonah, *La forteresse de Massada* (relato das escavações de 1955-1956), in "Bible et Terre Sainte", n. 23, outubro-novembro de 1959.

Y. Yadin, *Report in the Archaeological Survey* — I. E. J. 1955-1956. — (relato das escavações correspondentes a esse período de 1955-1956).

Y. Yadin, *The excavation of Massada 1963-1964 — Preliminary report*. — I. E. J. vol. 15. n. 1-2; 1965.

De Dan a Eilat; publicações feitas pela Comando militar-israelita (setor de educação) — *Masada* —, 1964, (publicação em hebraico).

Y. Yadin, *The Ben Sira Scroll from Massada* — I. E. J., 1965 (2).

L. Kadman, *Les monnaies de la dynastie Hérodiennne*.

idem, *Les monnaies de la Guerre Juive* (66 a 70 d.C.).

idem, *Les monnaies de la Guerre de Bar-Kochba* (132-135 d.C.) (3).

*

(2). — I. E. J. corresponde a *Israel Exploration Journal*.

(3). — L. Kadman — estas três obras estão para ser publicadas.

MASSADA E SUA HISTÓRIA.

Josephus Flavius escreve que o grande sacerdote Yonathan, irmão mais nôvo de Judá Macabeu, foi quem, na metade do século II a.C., reconheceu o valor estratégico do local e construiu um pequeno forte. De acôrdo, porém, com as últimas escavações arqueológicas, principalmente pelas moedas encontradas, supõe-se que o primeiro a fortificar Massada foi Alexandre Jano (50 anos mais tarde) que possuía além do poder civil, o temporal, tendo o título de Sumo Sacerdote com o mesmo nome de Yonathan.

Herodes, o Grande, sabendo quanto o seu trono era fraco e vacilante, faz de Massada o seu lugar de refúgio. Cerca o penhasco de muro com casamatas (uma fortaleza com muralhas), tórres, silos, grandes depósitos, reservatórios d'água (em conexão com fontes longínquias), com exército permanente, armas, e palácios. Quando Herodes dirige-se a Rodes para reencontrar Otávio, após a batalha de Actium, é em Massada que êle coloca em segurança sua mãe, sua irmã e o resto de sua família.

Depois da morte de Herodes, uma guarnição romana ocupa a fortaleza. No comêço da Revolta Judaica em 66 d.C., um bando de resistentes, os zelotas, comandados por Menachem-Ben-Yehuda, ataca a fortaleza e a toma de surpresa. Os romanos foram decapitados. Masada torna-se nessa época refúgio de zelotas extremistas e elementos desesperados.

Com a queda de Jerusalém, em 70 d.C., depois de 4 anos de lutas contra os romanos, um grupo de judeus, comandados por Eleazar-Ben Yair, fugiu da cidade em chamas. Resolvidos a lutar pela liberdade do povo judeu, até o fim, refugiaram-se em Massada. Tendo assim um refúgio seguro, saíram para atacar os romanos (isso durante 2 anos).

Em 72 d.C., Flavius Silva, governador romano da Judéia, resolve acabar com o foco rebelde da Massada. Marcha para lá com sua 10a. legião, transportando lenha e água. Os zelotas, em seus redutos, preparavam-se, fortificando ainda mais, o local e provendo-se de água e víveres. Na primeira tentativa, Silva e seus soldados foram repellidos. Começam os romanos a prepararem-se para um longo cerco; constroem acampamentos ao redor da fortaleza (em número de 8, na parte baixa do penhasco) com tórres de vigia. A oeste de Massada iniciam um atêrro de pedras e terra para transpor as muralhas da fortaleza (anulando todo transporte d'água para a fortaleza). De uma tôrre de ferro atiravam pedras e dardos. Com a ajuda de um aríete, batendo continuamente contra a muralha, conseguem danificá-la. Os zelotas reconstroem a brecha com duas fileiras de grossos cai-

bro encaixados uns aos outros; o espaço que havia entre êles tinha tanto de largura quanto o muro antigo; encheram êsse espaço de terra e sustentaram com outros pedaços de madeira. Os romanos conquistaram com o fogo. Os zelotas diante disso realizaram suicídio coletivo: 900 pessoas entre homens, mulheres e crianças (4). Quando os romanos penetraram na fortaleza encontraram uma mulher e 5 crianças. Assim Massada passou a mãos romanas anulando a última tentativa de resistência judaica na Palestina.

A fortaleza inicia sua fase decadente. Ocupada mais tarde por monges bizantinos (uma igreja, construções feitas, apontam o fato). Com os árabes desaparece o último vestígio de vida em Massada.

SÍTIO E OS MONUMENTOS ENCONTRADOS.

Exceção feita a umas poucas construções anteriores, devemos a Herodes, o Grande, a maior parte do que se encontrou em Massada. Mesmo porque depois dêle, pouco se fêz no local em matéria de construções, cousa que podemos constatar facilmente através das ruínas encontradas e pela restauração das mesmas.

Sentindo a força estratégica do local, construiu Herodes as célebre muralhas circundando o abismo, com seus 1500 metros de comprimento, 4 de largura e 25 de altura (5).

Conseguiram reconstruí-la em parte com algumas de suas tôrres.

Vê-se logo os grandes silos que continham grandes quantidade de trigo, vinho, óleo, diferentes cereais, palmas, tâmaras, tendo depósitos especiais para cada tipo de alimento. Mandou Herodes preparar o solo para em caso de necessidade, ser o mesmo cultivado.

O principal problema de Massada era, porém, a água; não haviam fontes naturais na região e a quantidade de chuvas era mínima. Prova dessa aridês local é o fato de terem sido encontrados madeira, papiro, e outros materiais orgânicos (fácilmente deterioráveis em lugares úmidos) em perfeito estado de conservação. Para solucionar o problema d'água, construiu-se pequenos poços armazenando água pluvial. Não eram suficientes e construiu-se uma barragem (no vale) e todo um caminho para transportar essa água represada para os poços (fêz-se um sistema de canaletas).

“Em todo lugar habitado da cidade, em volta do palácio, frente às muralhas, escavou Herodes na rocha, poços d'água. Assim con-

(4) . — Esta parte é muito bem narrada por Flavius Josephus em seu livro: *Guerra dos Judeus contra os romanos*. 2ª parte, vol. 8 da trad. brasileira de V. Pedroso.

(5) . — *Op. cit.*, (trad. V. Pedroso).

seguiu assegurar o abastecimento d'água tão grande quanto vindo de uma fonte" (6).

Além de Josephus não exagerar a obra de Herodes, escavações provaram que, além dos poços em número de sete (sendo um deles com capacidade de 3000 m³) existiam a noroeste do penhasco, duas filas de outros escavados na rocha: uma no plano superior e outra no plano inferior. Na superior (90 metros abaixo do tôpo) 8 poços; e na inferior (125 metros do tôpo) 4 poços. A capacidade total dos mesmos era de 50.000 m³ (segundo dados obtidos por escavações efetuadas em 1963-1964).

Para conseguir êsse volume d'água barrava-se água proveniente das montanhas da Judéia (em tempos de enchentes). Construiu-se uma barreira num ponto estreito e, por meio de um aqueduto de 2 metros de largura, a água era conduzida até a fila superior dos poços e de lá transportada para a inferior. Além disso represavam água nos *wades* (7) menores.

Termas.

Próximo aos armazens encontram-se as termas em estilo romano clássico. Importante descoberta e reconstrução, pois trata-se da mais completa e mais rica das termas encontradas na Palestina, contando com tôdas as dependências necessárias, muito bem decoradas.

Apresentava um grande pátio central rodeado por pilares, tendo o solo em mosaico negro, branco e vermelho.

O *apoditerium* tinha afrescos nas paredes, teto e solo, com ladrilhos triangulares em branco e negro. O *frigidarium* nada mais possuía do que uma banheira. O *tepidarium* com ladrilhos de forma quadrangular, de côr rosada, rodeados por ladrilhos triangulares negros e, afrescos no teto e parede. O *caldarium* com um piso suspenso sob dois pilares, revestido de um mosaico circundado por ladrilhos negros triangulares. A distância existente entre um pilar e outro facilitava a entrada de calor proveniente de uma caldeira situada à entrada do edifício. O calor circulava pelo solo e subia ao teto através de canos retangulares encaixados nas paredes e extendia-se até às chaminés. O teto era curvo.

Palácio do norte (vila de Herodes).

O palácio apresentava altas muralhas bem fortificadas, com colunas monolíticas, piso e paredes dos quartos revestidos com ladrilhos

(6) . — Verlag B. Harz (ed.), *Flavius Josephus Geschichte des Jüdischen Krieges*, Berlin-Wien, 1923; *op. cit.*, 2a. parte, vol. 3 — trad. de V. Pedroso.

(7) . — *Wades*, leito sêco de rio que recebe água na época das chuvas e água proveniente de derretimento de neves das montanhas.

e pedras coloridas. Foi construído em três terraços num declive ao norte do penhasco.

O terraço mediano encontrava-se 20 metros abaixo do superior e 13 acima do inferior. No terraço superior vêm-se ruínas de um edifício retangular com 9 quartos e um balcão semi-circular (chegando ao abismo). O piso de lindos mosaicos, os mais antigos encontrados em Israel, com formato de favos de mel e estrelas negras sob fundo branco (pedra branca é pedra-giz e a negra é asfalto (*betumen*)) encontrada em grande quantidade no Mar Morto. Com as escavações verificou-se a existência de duas fases de construções nesse palácio. A primeira na época de Yonathan, o Macabeu (8) e Herodes só a completou. A segunda parece ser da época de Alexandre Janeo. Na entrada do palácio vê-se um banco rebocado, usado pela guarda. No terraço médio encontram-se, quase completas, duas muralhas de pedras semi-circulares (eram os alicerces dessa estrutura). Dessas muralhas surgia um pátio central ladrilhado, ladeado de quatos, cuja maior parte desmoronou. Na parte superior, notam-se também duas banheiras bem conservadas, uma para banho e outra para depósito d'água.

O terraço inferior apresenta a parte mais rica da construção. Era suportado por um grande paredão semelhante a uma muralha. Apresenta um pátio cercado por duas filas de colunas coríntias de 4 metros de altura (peristilo dos gregos). Nas paredes afrescos verdes, pretos e vermelhos, parte deles desenhados, dando a impressão de mármore. Aqui foram encontradas moedas israelitas da época da revolta, flechas, inscrições em aramaico, esqueletos de um homem, de uma mulher e de uma criança. Esse era o palácio para descanso e festas da família real.

Palácio do oeste.

E' um palácio residencial e cerimonial. Aqui encontrou-se a sala do trono, sala de recepções, dependências de criados, oficinas, cozinhas com caldeiras, termas do rei. Dois lindos mosaicos: um deles na entrada do palácio de forma geométrica adornado de cachos de uvas, fôlhas de figo e romãs.

Piscina.

Luxuosa piscina encontra-se próxima ao palácio do oeste, de forma arredondada e escada para atingir a base, tôda cimentada com divisões (retângulos nas paredes) para colocação das roupas de banho.

Columbarium.

Edifício herodiano de forma arredondada, de tipo não comum, com pequenos buracos nas paredes, servindo para depósitos de cinzas, dos membros não judeus do exército de Herodes.

Sinagoga?

Um dos edifícios encontrados, pela sua estrutura (circundado de bancos e orientado para Jerusalém) faz-nos pensar numa sinagoga do tempo dos zelotas, cousa que ainda não conseguiu provar, apesar de terem-na reconstruído). Se o fizerem essa será a mais antiga sinagoga encontrada e, a única anterior à queda do Segundo Templo.

Em um quarto, junto à sinagoga (?), encontram-se fragmentos de rolos dos livros dos Salmos, Gênese, Levítico, e outros livros não introduzidos na Bíblia. Esse material foi encontrado junto a objetos pertencentes aos zelotas. Isso prova que o mesmo é anterior ao ano 70 d.C. e da época da Grande Revolta.

Junto a êsses rolos, encontraram-se documentos, através dos quais, podemos constatar a vida dos zelotas de acôrdo com os preceitos bíblicos.

Igreja Bizantina.

Construção significativa após o período herodiano, datada do V século d.C. Contém um vestibulo e outras três dependências, com um bonito mosaico colorido (um dos cantos preservou-se) e as ante-câmaras exibem um mosaico branco. Na parte leste há uma abertura no solo que seria, talvez, o *relicarium*, com paredes revestidas de cacos de cerâmica e pedra formando desenhos.

CONCLUSÃO.

Massada atravessa agora a sua fase final de reconstruções e escavações. Pelo material encontrado fixou-se uma seqüência com uma terminologia histórica de períodos, que seriam:

1. — Primeiro Templo (X século a.C.);
2. — Hasmonéus (conhecidos também por Macabeus) 103 a 40 a.C.;
3. — Herodiano 40 a 4 a.C.;
4. — Sucessores de Herodes e precuradores romanos 4 a.C. a 66 d.C.;